



Ciência Política - Geopolítica - Relações Internacionais

**PUBLICAÇÕES E PESQUISAS, SOB A ÓTICA ACADÊMICO-CIENTÍFICA, CONCENTRADAS
NA ESFERA DA CIÊNCIA POLÍTICA, DA GEOPOLÍTICA E DAS RELAÇÕES
INTERNACIONAIS**

BEATRIZ MARIA SOARES PONTES

(ORGANIZADORA)

RAQUEL NICOLAU DA SILVA

(ASSESSORIA TÉCNICA E ACADÊMICO-CIENTÍFICA)

NATAL – RN

2022

AS ESTRATÉGIAS RUSSAS REFERENTES AOS MARES NEGRO E BÁLTICO (1ª Parte)

Beatriz Maria Soares Pontes¹

Introdução

Antes de se entrar no mérito do assunto a ser analisado pelo presente artigo, deve-se salientar que, em face da atualidade do referido estudo, teve-se que consultar artigos de revistas, de jornais e de agências estrangeiras para fins de melhores esclarecimentos referentes a este tema bastante contemporâneo.

A política externa da Rússia no século XXI demonstra a reemergência deste grande ator no sistema internacional, após a crise aguda dos anos 1990, na esteira da dissolução da União Soviética. Considerando-se os grandes vencedores da Guerra Fria, a superpotência estadunidense e seus aliados europeus desfrutaram de liberdade para expandir a influência ocidental, através do globo, sobretudo, com o fortalecimento das instituições euro-atlânticas, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a União Europeia (UE).

No entanto, a recuperação da Rússia no continente eurasiático acabou por colidir com as ambições ocidentais, a partir da tentativa russa de readquirir seu prestígio, poder e influência sobre as regiões que antes lhe fizeram parte. Desta maneira, as relações políticas, econômicas e identitárias entre a Rússia e o Ocidente demonstram a complexidade das percepções acerca do Outro, principalmente, em relação ao reconhecimento mútuo, como atores importantes e essenciais para a Ordem Mundial. Assim, as relações intersubjetivas entre a Rússia e o Ocidente têm influenciado nas bases da política externa russa, a qual tem se caracterizado cada vez mais pela assertividade internacional, em resposta à crescente hostilidade do Ocidente, em relação à Moscou.

A animosidade contemporânea entre a Rússia e o Ocidente tem como pano de fundo a disputa no continente europeu, transferida do Centro da Europa para a Europa Oriental e as antigas repúblicas soviéticas. Em uma linha que se estende do Mar Báltico até o Mar Negro, tais atores disputam a influência sobre

¹ Livre-Docente pela UNESP (2008) e Profa. Titular aposentada da UFRN.

os Estados da região, através do avanço tanto da OTAN, quanto da UE, em direção ao Leste. A Crise Ucraniana de 2014 é o ponto crítico deste processo de acirramento internacional, representando um marco, não só nas relações entre a Rússia e o Ocidente, mas, nas relações internacionais entre potências do continente. Intensificado pelos acontecimentos de 2014, o Mar Negro se constitui como o ponto de atrito mais recente entre a Rússia e as instituições euro-atlânticas, em que pese a expansão política e militar da OTAN, UE e da própria Rússia na região. Confirmadas nas últimas reuniões da OTAN, em Varsóvia (2016) e Bruxelas (2018), a fronteira Leste das instituições euro-atlânticas, entre o Mar Báltico e o Mar Negro, será o novo palco da disputa pela preponderância no continente europeu.

Neste contexto, toma-se o seguinte questionamento como problema de pesquisa: de que maneira as percepções russas, em relação ao Ocidente interferiram na mudança da política externa da Rússia para a região do Mar Negro, e como a Crise Ucraniana de 2014 se insere neste processo.

Entende-se que a maior assertividade da Rússia na região do Mar Negro é o resultado da mudança nas relações intersubjetivas entre Moscou e o Ocidente, representado pelas instituições euro-atlânticas (OTAN e UE). Desde o fim da Guerra Fria, a política externa da jovem Federação Russa passou por uma série de transformações, condicionadas pelo próprio reordenamento do sistema internacional.

É a partir disto que este trabalho se propõe a alcançar o objetivo geral, qual seja, identificar e analisar os fatores que levaram à mudança da política externa russa para o Mar Negro e, como a Crise Ucraniana de 2014, se insere neste processo, além dos seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar de que forma as relações com o Ocidente influenciaram na definição do interesse nacional russo e, conseqüentemente, nas bases da política externa da Rússia do pós-Guerra Fria;
- b) Identificar quais são os motivos pelos quais a Ucrânia adquiriu importância estratégica na disputa em curso, entre a Rússia e as instituições euro-atlânticas;

- c) Compreender de que maneira a Crise Ucraniana de 2014 se insere na atual assertividade da política externa da Rússia, face ao avanço euro-atlântico no Mar Negro.

A Rússia e o Mar Negro

No decorrer da história, o Mar Negro foi um importante corredor de contato entre diversos povos, ou através das migrações, ou através das rotas comerciais que por ali passavam. Assim sendo, o Mar Negro correspondeu a um dos mais estratégicos cruzamentos geográficos da Terra, ligando o Leste e o Oeste, o Norte e o Sul, o Ocidente e o Oriente (CROSS, 2015). Essa importância estratégica justificou a disputa constante entre grandes potências pelo controle da região, buscando se beneficiar da facilidade de projeção de forças na Europa, Ásia e Oriente Médio (CROSS, 2015). Portanto, é a partir deste panorama que foi possível compreender os imperativos existentes na disputa entre a Rússia e as instituições euro-atlânticas no Mar Negro, onde Moscou vinha adotando uma política externa cada vez mais assertiva como forma de assegurar seus interesses regionais.

Acima de tudo, o Mar Negro representava para a Rússia a “janela” para os mares quentes do Mediterrâneo e dos Oceanos globais, onde ela seria capaz de projetar seu poder marítimo, através do globo (DELANOË, 2014c). Entretanto, a partir dos últimos anos, a região do Mar Negro vem se tornando palco da disputa entre arquiteturas de segurança regionais divergentes, uma partindo das instituições euro-atlânticas e outra sob a liderança de Moscou (DELANOË, 2014c).

Com o objetivo de compreender qual foi a maneira da política externa da Rússia para o Mar Negro que se enquadrou nesta disputa mais ampla face ao Ocidente, em primeiro momento será analisado de que maneira a Rússia utilizou aspectos identitários e políticos para justificar o seu envolvimento em conflitos na região do Mar Negro que permaneceram estagnados. Em um segundo momento, coube a compreensão da vantagem estratégica representada pelo controle da Crimeia e as implicações disto para a projeção de forças da Rússia, em face do avanço do Ocidente.

Finalmente, as iniciativas formuladas pelas instituições euro-atlânticas para a região foram analisadas como consequências e condicionantes nesta disputa por influências que existe atualmente na região.

Mapa 1 – Mar Negro



Fonte: GeoAtlas, 2011, p. 63.

Os “Conflitos Congelados” como Instrumento da Política Externa Russa

A política externa da Rússia para a região do Mar Negro foi fruto das percepções de Moscou a respeito do sistema internacional, mas, sobretudo, do seu entorno estratégico, formado pelas repúblicas do antigo espaço soviético. Em termos de política externa, a Rússia percebeu que o sistema internacional já se configurava cada vez mais em direção à multipolaridade e, assim sendo, coube à Rússia se consolidar como um dos polos de poder neste novo cenário internacional (TSYGANKOV, 2016).

A política externa implementada por Putin em 2000 e, aprofundada, a partir de 2012, foi no encontro de tal ideia ao buscar restabelecer as capacidades de poder da Rússia e consolidar sua preponderância na região. Assim sendo, o entorno estratégico, representado pelo antigo espaço soviético foi percebido como a área natural de influência russa, na qual o seu poder e seus interesses

vitais deviam ser respeitados e mantidos (CROSS, 2015). Foi a partir deste entendimento, que o ex-presidente Dimitri Medvedev declarou que a região era considerada uma “zona de interesses privilegiados” para a Rússia, onde, aliás, está disposta à utilização dos meios necessários para defender os seus interesses vitais. Todavia, tal concepção estratégica foi posta em desafio, a partir da expansão das instituições euro-atlânticas em direção ao Leste e, mais precisamente, aos Estados localizados na região do Mar Negro (TUDOROIU, 2011).

Assim como a Ucrânia e a Europa Oriental de um modo mais amplo, o Mar Negro se colocava como palco das disputas entre os interesses da Rússia e do Ocidente (TUDOROIU, 2011). As progressivas fases de expansão da UE (União Europeia), seguidas de perto pela expansão da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), em direção aos países da região, aproximaram as estruturas político-militares euro-atlânticas das fronteiras russas (CROSS, 2015; DUNN; BIBICK, 2014).

Dois momentos deverão ser salientados no presente texto: a incorporação da Bulgária e da Romênia na OTAN, em 2004 e, a Crimeia de Bucareste em 2008, quando houve propostas para a integração da Ucrânia e da Geórgia na OTAN (TOUCAS, 2017b). Na concepção estratégica da Rússia, os Estados desta “zona de interesses privilegiados” deveriam ser mantidos sob sua influência como uma zona-tampão entre a Rússia e as instituições ocidentais, o que garantiria certa segurança para si e prevenia o contato direto entre estas (DELANOË, 2014a; MEARSHEIMER, 2014).

Partindo desta percepção regional que a Rússia formulou sua política externa para o Mar Negro, buscando como objetivo principal impedir a expansão tanto da UE, quanto da OTAN, em direção às suas fronteiras, o que colocaria a sua segurança em risco (CROSS, 2015). Tal concepção foi reforçada no Conceito de Política Externa da Rússia, publicado em 2016:

A Federação Russa mantém sua perspectiva negativa acerca da expansão da OTAN, a aproximação das infraestruturas militares da OTAN às fronteiras russas e a sua crescente atividade militar nas regiões vizinhas à Rússia, percebendo-as como uma violação do princípio da segurança igualitária e indivisível, levando ao aprofundamento de velhas linhas divisórias na Europa e à emergência de novas (RUSSIAN FEDERATION, 2016).

A política externa utilizada por Moscou para manter sua preponderância na região do Mar Negro é caracterizada pela mistura de instrumentos políticos, econômicos e, nos casos mais críticos, em que seus interesses vitais são colocados em risco, o emprego de capacidades militares torna-se uma opção disponível (BUGAJSKI; DORAN, 2016a).

Em última instância, através da utilização desta variedade de instrumentos buscou-se influenciar as orientações internacionais dos Estados vizinhos, impondo pressões que os impeçam de sair da órbita da influência russa (DUNN; BIBICK, 2014).

Em termos políticos, como apresentado anteriormente, a Rússia estabeleceu relações de vassalagem e clientelistas com os governos da região, ligando-se a determinados grupos políticos que representem seus interesses, tanto no interior destes Estados, quanto na esfera internacional (MERRY, 2015). Prática comum, a Rússia empregou suas capacidades financeiras e de propaganda em favor de lideranças favoráveis ao Kremlin, como Yanukovych, no caso ucraniano.

Quando tais instrumentos políticos não são suficientes e lideranças com viés favorável aos interesses ocidentais ascendem ao poder nestes Estados, a Rússia utiliza meios disponíveis para influenciar e constranger suas orientações internacionais. Neste sentido, Moscou tem instrumentalizado as populações etnicamente ou linguisticamente russas, espalhadas no interior das antigas Repúblicas Soviéticas, como justificativa para intervir em matérias de outros Estados (TOUCAS, 2017a). Sob a justificativa jurídica de salvaguardar a integridade humana de seus “compatriotas” no exterior, suportes político-econômico e, principalmente, militar são utilizados para manter a existência destas regiões separatistas e, desta forma, controlar os Estados-alvo ao negar suas integridades territoriais (DUNN; BIBICK, 2014).

Mantendo os chamados “conflitos congelados”, a Rússia se torna capaz de estabelecer sua presença militar nestas regiões e, assim instrumentalizar o medo e a ameaça de uma ação militar, para condicionar as decisões políticas e assegurar sua preponderância regional (DUNN; BIBICK, 2014; TUDOROIU, 2011).

Moscou tende a assumir uma postura de direitos em sua chamada “zona de interesses privilegiados” e não tem sido capaz de lidar com a Geórgia ou Ucrânia (ou outros vizinhos) como nações genuinamente soberanas e merecedoras de autonomia completa da influência e controle da Rússia (CROSS, 2015, p. 8).

A região do Mar Negro tem se caracterizado por uma miríade de conflitos congelados, como os casos da Transnístria na Moldávia, da Ossétia do Sul e, da Abecásia na Geórgia, de Nagorno-Karabakh, entre a Armênia e Azerbaijão e, mais recentemente, das regiões separatistas de Donetsk e Lugansk e a Crimeia, na Ucrânia (MONGRENIER, 2016). Tais casos podem ser reunidos em um grupo próprio como conflitos congelados, uma vez que compartilham semelhanças históricas, relacionadas aos processos de independências nos anos 1990, durante a dissolução da URSS, com exceção dos casos ucranianos contemporâneos (TUDOROIU, 2011).

Com exceção dos casos ucranianos, isto é, das Repúblicas Separatistas de Donetsk e Lugansk e da Crimeia, os demais casos são consequências de movimentos separatistas durante os processos de independência na região da antiga URSS (TUDOROIU, 2011). No desenrolar destes processos, a Rússia desempenhou um papel importante em apoio às Forças Separatistas, cujos Estados, não coincidentemente, foram aqueles que resistiram permanecer na esfera de influência da Rússia, após 1991, como a Geórgia e a Moldávia (TUDOROIU, 2011).

Neste sentido, torna-se claro o objetivo propriamente político da Rússia para a região, em relação a estes conflitos, uma vez que Moscou desempenhou papel importante ao fornecer suporte político, econômico e militar, em cada um dos casos. Assim, o próprio desenrolar dos eventos condicionou a entrada de países como a Geórgia, Moldávia e Azerbaijão nas organizações internacionais lideradas pela Rússia, no espaço da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) que, face aos conflitos congelados e a presença militar russa, se viram obrigados a integrar tais instituições internacionais.

Parte da política externa da Rússia para o Mar Negro, neste sentido, tem buscado manter os Estados da região em uma situação de “instabilidade controlada”, caracterizada pela permanência latente destes conflitos, o que

dificulta desta maneira, o desenvolvimento estatal das repúblicas pós-soviéticas (SOCOR, 2004). Ao negar a integridade territorial destes Estados, os conflitos congelados “[...] drenam recursos econômicos e energia política destes países frágeis e sociedades empobrecidas [...] e impossibilitam a consolidação dos Estados-nação” (SOCOR, 2004, p. 127).

Iniciativas para a execução de reformas estruturais por parte destes Estados são dificultadas devido à própria situação de instabilidade territorial, agravada pela presença militar de forças russas em “defesa dos compatriotas russos” que habitam estas regiões. Por exemplo, tanto a Ossétia do Sul, quanto a Abecásia foram integradas econômica e militarmente às estruturas da Rússia e, atualmente, servem de base para as atividades militares do país na região do Mar Negro (GERRITS; BADER, 2016).

A manutenção desta “instabilidade controlada” é parte da política externa russa para a região e está alinhada com a disputa regional por áreas de influência entre esta e as instituições euro-atlânticas. Com o progressivo avanço tanto da UE, quanto da OTAN, em direção ao Leste, Moscou tem instrumentalizado estes conflitos congelados para criar empecilhos na consecução das reformas estruturais necessárias para o ingresso nestas duas instituições (TUDOROIU, 2011). Como já salientado, justamente aqueles Estados que resistem a influência de Moscou buscam se aproximar do Ocidente como contramedida, são os mesmos que enfrentam situações de separatismos apoiadas pela Rússia. Com este cenário arriscado, o ingresso destes países nestas instituições se torna improvável e indesejado, além de que, como já salientado, a ausência de disputas territoriais é requisito para o acesso a ambas instituições ocidentais (PÉTINIAUD, 2017). Países como Moldávia, Geórgia e Ucrânia são tomados como exemplos de situações em que a ascensão de governos pró-Ocidente gerou pressões - e, até mesmo interferência militar -, por parte da Rússia para impedir a aproximação com o Ocidente.

O caso da Geórgia é emblemático, pois, a disposição de ingressar na OTAN, manifestada pelo Presidente Mikheil Saakashvili resultou em última instância na Guerra Russo-Georgiana de 2008 (TSYGANKOV, 2016). Apesar de ter sido desencadeada no momento em que forças militares georgianas tentaram reconquistar os territórios da Ossétia do Sul, a ação da Rússia em apoio às forças separatistas sinalizou que Moscou estava disposta a utilizar todos os

meios disponíveis para impedir a vitória do governo pró-Occidente em Tbilisi, conseqüentemente, impedir o avanço da OTAN, no antigo espaço soviético (TSYGANKOV, 2016). A assim chamada “Doutrina Medvedev”, em relação ao antigo espaço soviético e, o emprego do conceito de “esfera de interesses privilegiados”, verbaliza a concepção da Rússia sobre a importância da região em seus cálculos estratégicos, no que se refere ao avanço da UE e da OTAN (DELANOË, 2014a).

Na formulação desta política externa para o Mar Negro, a Crise Ucraniana de 2014, representa o mais recente episódio da lógica de manutenção da preponderância russa na região. Ao anexar a Crimeia e, em seguida, fornecer suporte logístico e militar para os separatistas de Donetsk e Lugansk, a Rússia criou obstáculos para que o novo governo em Kiev fosse admitido nas instituições euro-atlânticas, além de impossibilitar que a Crimeia servisse de base para forças da OTAN, em uma eventual aproximação da aliança com a Ucrânia (DELANOË, 2014b).

Desde os acontecimentos de 2014, a Rússia tem buscado fortalecer sua posição militar na região do Mar Negro e, fazer frente às forças da OTAN, ali presentes, através da Bulgária, Romênia e Turquia. Além dos laços históricos que ligam a Rússia à Crimeia, a anexação da Península foi considerada um trunfo estratégico ao assegurar a preponderância política e militar da Rússia, em relação aos Estados que fazem parte da região do Mar Negro.

A Crimeia possui um significado simbólico importante no imaginário russo, formado ao longo dos séculos por batalhas e celebrações importantes, no interior da identidade da Rússia. A incorporação da Península em 2014 representou, não somente uma grande reconciliação histórica e imaginária, mas, principalmente, um trunfo estratégico para a consecução da política externa da Rússia para o Mar Negro. Ao longo da história da Rússia, a Crimeia sempre desempenhou um papel importante no imaginário russo e na própria identidade nacional, em termos simbólicos, mas, também, militares (LIMONIER, 2010).

Foi na antiga cidade grega, na península que o Grã-Príncipe Vladimir, se converteu ao cristianismo ortodoxo, além de batalhas importantes terem sido travadas na Crimeia, durante a Guerra da Crimeia (1853-1856) e a Segunda Guerra Mundial (SANDERS, 2012). Ambas as guerras foram simbólicas para as Forças Armadas da Rússia ao representar a virtude e a resistência dos

combatentes russos, em relação à Guerra da Crimeia. A Crimeia serviu de lembrança a respeito da derrota humilhante imposta à Rússia pelas grandes-potências ocidentais (LIMONIER, 2010; WOOD, 2015). Desta maneira, a Crimeia e, mais precisamente, a cidade de Sebastopol, estão fortemente relacionadas à cultura militar da Rússia, o que explica o apoio interno quando a Rússia anexou a Península em 2014, conforme salientado por Putin, em um discurso para a Duma no mesmo ano.

Somado ao aspecto político e simbólico dos acontecimentos de 2014, o controle da Crimeia pela Rússia representou um trunfo estratégico na região, sobretudo, em relação às forças militares da OTAN, na região. O primeiro aspecto desta vantagem foi, justamente, a posição geográfica da Crimeia, no centro do Mar Negro, estando a poucos quilômetros de distância de todos os países litorâneos (DELANOË, 2014a).

Neste sentido, a base militar de Sebastopol, palco de diversos conflitos, ao longo da história russa e mundial, confirmou sua centralidade como plataforma de projeção de poder russo nas regiões adjacentes, como a Europa Oriental, o Oriente Médio e, até mesmo, o Mediterrâneo. O segundo aspecto está relacionado com o fato de que, com a anexação da Crimeia, a Rússia conquistou mais 1.000 km do litoral do Mar Negro, somados aos cerca de 300 quilômetros do controle de fato da Abecásia (MONGRENIER, 2016). Um terceiro e último aspecto, foi que o controle da Crimeia tornou, de fato, o Mar de Azov em um mar interior russo ao controlar os dois lados do Estreito de Kerch e, resolver a disputa com a Ucrânia, pelas fronteiras marítimas (DELANOË, 2014b; MONGRENIER, 2016). Desta maneira, a Rússia evitou que tais águas fossem consideradas internacionais, o que permitiria a presença de forças navais da OTAN nas fronteiras diretas da Rússia (DELANOË, 2014a; 2014c).

Antes dos eventos de 2014, a Rússia já detinha o controle negociado da base naval de Sebastopol, a qual utilizava como base para a Frota do Mar Negro, desde os tempos de Catarina, a Grande, no século XVIII. Preocupado com as capacidades de defesa da Rússia e, consciente da expansão da OTAN, em direção ao Leste, o Presidente Putin iniciou um amplo Programa de Modernização Militar 2011-2020, com o objetivo de adequar as Forças Armadas da Rússia às novas condições do sistema internacional (BOLTENKOV et al., 2011). Além da maior integração entre cada uma das Forças, a Rússia se viu

obrigada a revitalizar um arsenal, cuja construção havia sido durante os tempos soviéticos, defasado em relação às capacidades do Ocidente.

A Marinha Russa recebeu relevância neste Programa de Modernização Militar com a construção de novas embarcações, mas, sobretudo, com o aprimoramento das infraestruturas militares, em termos de portos e bases navais (DELANOË, 2014a).

Neste contexto, a Frota do Mar Negro foi privilegiada, em termos de renovação das embarcações militares e, desde 2012, a base naval de Sebastopol passa por um processo de expansão e aprimoramento, conjuntamente, com os principais portos da região do Mar Negro, como o Porto de Novorossisk, que a Rússia planeja transformar em uma base naval (CROSS, 2015; DELANOË, 2014c).

Durante o período anterior à 2014, a Rússia estava condicionada pela Ucrânia, em relação ao controle e as dimensões permitidas de aprimoramento da base naval de Sebastopol. Entretanto, com a incorporação da Crimeia, em março de 2014, a Rússia, atualmente, dispõe de liberdade para prosseguir e aprofundar as infraestruturas, além de controlar os demais portos da península (DELANOË, 2014c; SANDERS, 2012).

Diferentemente dos portos russos existentes na costa caucasiana, os portos da Crimeia possuem profundidade suficiente para receber embarcações de grandes tonelagens, o que facilita a consecução dos objetivos do programa de modernização, iniciado em 2011 (DELANOË, 2014c). Através desta modernização e da instalação de infraestruturas militares, a Crimeia se tornou o que acadêmicos chamam de “bastião estratégico”, no principal acesso pelo Sul da Rússia, fortalecendo sua segurança internacional, em termos relativos (DELANOË, 2014a). Quando se considera a atual correlação de forças na região do Mar Negro, os acontecimentos da Crise Ucraniana resultaram numa mudança militar profunda, em relação aos Estados litorâneos. A incorporação da Crimeia, também, foi acompanhada pela captura da Frota ucraniana que estava estacionada na península, o que, somadas às capacidades russas, garantiu a predominância naval da Rússia no Mar Negro (CROSS, 2015).

A Rússia se constitui, atualmente, como a segunda maior força naval na região, sobrepondo, em números à soma das Marinhas dos Estados vizinhos, com exceção da Marinha da Turquia, que apesar de ser a maior na região, não

é capaz de desafiar sozinha a capacidade da Rússia (BUGAJSKI; DORAN, 2016a; CROSS, 2015).

Desta forma, Moscou e Ancara estabeleceram um condomínio cooperativo pelo controle do Mar Negro, onde ambos Estados buscam restringir ingerências externas (DELANOË, 2014c; SANDERS, 2012). Apesar de a Frota do Mar Negro permanecer uma Marinha de “águas verdes”, a Rússia tem expandido sua presença naval no Mediterrâneo Oriental e no Oceano Índico (MONGRENIER, 2016; SANDERS, 2012). Tal conjuntura demonstra o aumento nas capacidades militares russas, após a incorporação da Crimeia que, a partir de 2014, tem servido como base de projeção russa nas regiões adjacentes, demonstrado ao longo do envolvimento direto na Guerra da Síria, a partir de 2015 (DELANOË, 2014c).

Dando continuidade aos objetivos regionais de sua atuação internacional, mas também, conforme as bases de sua política externa, a Rússia tem expandido sua presença e influência nas regiões adjacentes ao Mar Negro, em busca de expandir seu status como potência regional. A região que melhor presenciou as novas capacidades russas foi o Oriente Médio, onde a Rússia consolidou-se como ator essencial nas dinâmicas regionais, sobretudo, a partir de 2015 (STEPANOVA, 2018). O envolvimento militar direto na Guerra da Síria, a partir de 2015, demonstrou a capacidade militar relativa da Rússia, no Oriente Médio e, a utilidade da Crimeia, como ponto logístico para reabastecimento e reparo das embarcações. Em um contexto de desengajamento dos EUA na região, a Rússia tem expandido sua influência progressivamente em termos diplomáticos, econômicos e militares com os países do Oriente Médio (MONGRENIER, 2016; STEPANOVA, 2018).

Os objetivos da política externa da Rússia para a região do Mar Negro se desdobram em outra questão importante estrategicamente: o acesso russo ao Mediterrâneo e aos “mares quentes” (MONGRENIER, 2016). Apesar das restrições impostas pelos Estreitos turcos, a Rússia tem buscado estabelecer sua presença naval, permanentemente, no Mediterrâneo Oriental, o que provoca disputas com forças da OTAN, que percebem com resistência esta expansão (BUGAJSKI; DORAN, 2016a). O acesso e a presença de forças navais russas na região auxiliam na consecução do objetivo primário de prevenir a entrada de forças rivais no Mar Negro e proteger, desta maneira, a fronteira Sul da Rússia

(DELANOË, 2014a; PETINIAUD, 2017). A partir do conceito de “bastião estratégico Sul”, a Rússia tem posicionado capacidades de antiacesso e de negação de área na Crimeia que são capazes de cobrir boa parte da região, desde o litoral da Romênia, a fronteira meridional da Ucrânia, até o litoral turco, restringindo desta maneira, a autonomia das forças da OTAN na região e, assegurando a defesa do flanco meridional do território russo (CROSS, 2015; DELANOË, 2014a; MONGRENIER, 2016).

Consciente das exigências logísticas exigidas para esta nova projeção de forças, Moscou busca acordos e facilidades navais no Egito, e até mesmo, na Grécia e no Chipre, membros da OTAN, complementando as facilidades já existentes no Porto de Tartus, na Síria (NIKOLSKY, 2018).

A partir da nova posição relativa no sistema internacional, a Rússia pode dar continuidade a sua política externa para o Mar Negro ao se estabelecer como potência regional preponderante, além de satisfazer os objetivos gerais da política externa iniciada por Putin, os quais buscam consolidar Moscou como um dos polos de poder no sistema internacional.

Deve-se lembrar que, ao invadir o território ucraniano, em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia já havia planejado dominar cidades-chaves para ganhar acesso ao Mar Negro.

O presidente russo já exercia influência na Crimeia, região anexada à Rússia em 2014, quase sem resistência. Na guerra atual, usou a região do Donbass, onde estão as regiões separatistas de Lugansk e Donetsk, para avançar com suas tropas. Além disso, sufocou a Ucrânia pela fronteira com Belarus, do outro lado.

Agora, o conflito armado tem se entrincheirado em linha reta, ligando quatro cidades ucranianas: Kharkiv, Dnipro, Zaporizhzhia e Kherson. Kiev, a capital, está sob ataques constantes por ser o coração do poder. O posicionamento das tropas e os ataques a essas regiões dão evidências do planejamento russo. Trata-se de uma região estratégica: o acesso ao Mar Negro por essa rota é livre.

O Mar Negro conecta dois continentes: a Europa Oriental e a Ásia Ocidental. Essencial para o comércio mundial, por lá são transportadas muitas mercadorias e pessoas, sendo uma das vias marítimas mais movimentadas do planeta.

Se esta tendência continuar, Odessa, outra cidade ucraniana do litoral, também, entrará nessa rota. O local é estratégico e já sofreu ataques. Contudo, não foi dominada pelos russos.

Em Odessa, civis treinam defesa e aprendem a usar armas. Os moradores da cidade ucraniana se voluntariaram para aprender a atirar com um policial local.

Verificou-se que a Rússia disparou mísseis mais do que nunca. Prédios residenciais pegaram fogo. Mykolayv é mais uma cidade portuária com acesso ao Mar Negro que vem sendo atacada pelos russos. Anteriormente, Mariupol e Kherson foram alvos de ataques por parte dos russos.

As tropas russas focaram em investidas potenciais contra Kharkiv, Dnipro, Zaporizhzhia e Kherson nos últimos tempos. Nesses locais, foram concentrados os principais ataques dos russos.

Kharkiv sofreu sucessivos bombardeios, estando sitiada pelos militares da Rússia. Em Kherson, o exército invasor parece ter conseguido o controle do poder. A Rússia e a Ucrânia vivem um embate por causa da possível adesão ucraniana à OTAN, entidade militar liderada pelos Estados Unidos. Na prática, Moscou vê essa possibilidade como uma ameaça à sua segurança.

Por outro lado, a Base de Sebastopol apresenta uma posição estratégica quanto ao acesso ao Mediterrâneo, sendo a única capaz de receber toda a frota russa do Mar Negro. Para os especialistas, a Rússia não pretenderá deixar o Mediterrâneo sob influência dos Estados Unidos.

O interesse do presidente russo pela República Autônoma da Crimeia, cujos habitantes decidiram, em referendo, se a região será anexada à Rússia, não é somente político e econômico. A península tem uma posição estratégica no Mar Negro, possuindo o porto de Sebastopol, o único capaz de acolher e dar logística a completa frota de navios da Rússia, no Mar Negro.

O Mar Negro é um “trampolim” em direção ao Mar Mediterrâneo, que exerce um papel importante para a política externa russa. Com isso, o presidente russo não pretende deixar o Mar Mediterrâneo como área de influência da Marinha dos Estados Unidos.

Ao pretender atuar na região do Mediterrâneo, tal fato só será possível, a partir daquela região, isto é, o Mar Negro.

Convém ressaltar que, a Crimeia tem uma posição estratégica dominante no Mar Negro - isto é -, a península avança mar adentro. Para a Rússia, ela é um trampolim em direção ao Sul, ou seja, para o Mar Mediterrâneo e o Oriente Médio. Mesmo nos tempos da União Soviética, ali se encontravam estaleiros capazes de prestar assistência e reparos a navios de guerra.

Assim sendo, Sebastopol é o único porto capaz de acolher e proporcionar a respectiva logística à completa frota russa do Mar Negro. Para os russos, não há alternativa. Embora outra base esteja sendo construída em Novorossiysk, ao norte de Sochi, ela poderá receber somente parte da frota. Além disso, Novorossiysk é uma base pesqueira e sem baías de proteção. Dependendo, portanto, do vento, os navios que ali aportam, podem ser avariados pelas ondas. Com as suas muitas baías, Sebastopol é bem diferente.

Por essa razão, Sebastopol não é somente a principal base da frota russa do Mar Negro, mas, também, da Marinha ucraniana. Elas se encontram ali, lado a lado. Se a Ucrânia rescindisse o contrato sobre a base e expulsasse os russos, a frota do Mar Negro teria um problema bastante significativo.

Observa-se que a Rússia está cercada em grande parte pelo mar: no Norte, é o Ártico, a frota do norte tem grandes desafios no inverno, pois, as rotas para o Atlântico são longas. Também, no Mar Báltico as distâncias são longas. Quando se pretende atuar na região do Mediterrâneo, isso só será possível, a partir daquela região. Para a política externa russa, o Mar Mediterrâneo exerce um papel importante. Em meados de 2013, também, foi restabelecida uma esquadra permanente no Mediterrâneo. Os russos não pretendem entregar essa região à Marinha americana.

Além disso, a Rússia acertou com a Ucrânia para que Sebastopol pudesse ser utilizada como base da frota russa. Este é um acordo de longa data, que foi fechado sob o governo do antigo presidente russo Yeltsin. Ele sucedeu a uma disputa. A Ucrânia afirmou que, após a dissolução da União Soviética, os navios nos portos pertenceriam a eles. Houve um acordo e, parte da frota foi dada aos ucranianos – na maioria navios que, de qualquer forma, já estavam avariados.

Em 1997, um contrato de arrendamento para o uso, pelos russos, do porto em Sebastopol, foi fechado por vinte anos. Sob o governo de Yushchenko, antecessor de Yanukovytch, esse contrato foi praticamente rescindido. Quando

chegou ao poder, Yanukovytych não somente o reativou, mas, também, o prorrogou por mais vinte anos. Isso levou, novamente, a uma disputa – e, até mesmo, a questionamentos constitucionais.

A grande questão, portanto, que se configura é procurar saber porque os ucranianos aceitaram o acordo, anteriormente, firmado. Por um lado, por razões econômicas: em contrapartida, a Rússia prometeu gás natural mais barato. Em segundo lugar, por motivos políticos: Yanukovytych estava, notadamente, mais próximo dos russos do que do Ocidente.

Portanto, nesse conflito, a frota do Mar Negro exerceu um papel secundário. Não deveria haver nenhum confronto no mar.

Finalmente, o Presidente da Rússia, Vladimir Putin, ressaltou a sanção das leis, regulando a anexação do equivalente a cerca de 18% da Ucrânia, a maior tomada territorial à força na Europa, desde a Segunda Guerra Mundial. Moscou já havia anexado a Crimeia, 4,5% do vizinho, sem conflito, em 2014.

O Kremlin, contudo, continuou sem definir, exatamente, de quais fronteiras estão previstas na absorção denunciada como ilegal no exterior. O motivo são os avanços de Kiev nas regiões de Donetsk (leste) e Kherson (sul). Mas, manteve o tom desafiador.

O Decreto (presidencial), que foi convertido em lei e, depois, sancionado pelo próprio Putin, revela que, no geral, ele se aplica ao território onde a administração civil-militar estava operando no momento do acesso à Rússia. O Presidente repetiu: “Alguns territórios serão retomados e nós vamos continuar a consultar a população que deseja viver na Rússia”, disse Putin.

Através da televisão, com professores, Putin sugeriu que o cenário militar não é bom. “Estamos trabalhando assumindo que a situação nos territórios irá se estabilizar”, afirmou.

Apesar do apelo do porta-voz, os textos dos quatro decretos assinados por Putin, nada têm de claros. Supõem-se que, no caso de Donetsk e Lugansk, o chamado Donbass (bacia do rio Don) que as fronteiras sejam aquelas estabelecidas em 2014, pelas autoproclamadas repúblicas populares que, agora, Moscou anexou. Neste caso, é a fronteira legal das regiões, na complexa divisão territorial da antiga União Soviética, ainda válida. Os ucranianos de Lugansk e Donetsk, conforme já assinalados, atualmente, a Rússia ocupa quase todo o primeiro, onde Kiev tem atacado e, cerca de 60% do segundo. Assim,

Peskov volta ao ponto que havia citado anteriormente: “que a guerra tem como objetivo atual, no mínimo, acabar de capturar aquela área”.

Todavia, a situação fica mais nebulosa ao se tratar de Kherson e Zaporíjia. Na primeira área sulista, o controle russo era quase total, mas, há infiltrações blindadas ucranianas e a capital homônima está em uma posição bastante exposta, com o rio Dneper às suas costas.

Resta saber se Kiev vai querer aplicar um cerco à população civil lá presente, ou mesmo se os russos vão recuar para pontos mais defensáveis, usando o rio como fronteira. Em Zaporíjia, o norte da região nunca chegou a ser conquistado por Moscou e, resta ressaltar que, Putin ordenou que a maior usina nuclear da Europa, que fica na área ocupada, seja assumida pela estatal russa Rosatom.

“Não há contradição. Os territórios serão da Rússia para sempre”, sustentou Peskov. Legalmente, Moscou está infringindo o Memorando de Budapeste, um acordo em que reconhecia as fronteiras da antiga Ucrânia soviética, assinado em 1994.

A Rússia parece estar ganhando tempo para que sua criticada mobilização, atacada até por propagandistas do governo, surta algum efeito. Concorre para esta tese, a ameaça nada velada de Moscou, de usar armas nucleares para defender seu novo território: analistas veem chance de ser só um blefe, ainda que a Ucrânia tema uma ação real.

O Ministério da Defesa lembra já ter alistado 200 mil, dos 300 mil reservistas que deseja para o combate, e que alguns poderão estar em ação já em novembro.

Mas, ações russas foram chamadas pelo chefe do gabinete presidencial de Kiev, Andrii Lermak, de “hospício coletivo” e atos de um “país terrorista”. Estados Unidos e União Europeia as condenaram e elaboraram novas sanções econômicas contra Moscou.

A China, principal aliada de Putin, nunca condenou a invasão e, se absteve da sessão do Conselho de Segurança da ONU, que discutiria o caso, obstruída pelo poder de veto do Kremlin. Outros membros sem tal prerrogativa, como a Índia e o Brasil, também se abstiveram para insistir na neutralidade, em favor de vantagens econômicas.

No Ocidente, cresce a preocupação com a guerra energética. A Casa Branca criticou a decisão da Organização dos Países Exportadores de Petróleo e, aliados de grande porte de produção de óleo, que segundo os EUA, foi um favor feito à Rússia, próxima da Arábia Saudita no grupo.

De acordo com o governo da Dinamarca, a gigante estatal Gazprom, começou a desviar gás enviado para países europeus, por meio dos dutos que passam pela Ucrânia, indicando que pode haver um corte brutal no inverno.

Cerca de 30% da matriz energética europeia é composta de gás natural e, em 2021, 40% disso era russo. Para complicar, o ataque ao sistema Nord Stream, que já estava, praticamente inoperante, no ramal 1 e, nunca chegou a funcionar no 2, deixou apenas 1 dos 4 gasodutos, em condições de funcionar – na hipótese de a Europa ceder e pedir gás a Putin -, o que só deve acontecer se reduzirem o apoio militar a Kiev.

As explosões, ocorridas recentemente, causaram um grande vazamento de gás no Mar Báltico, por onde o sistema ligando a Rússia e a Alemanha passa. Moscou insiste que foi vítima de algum Estado rival, e a Europa só faltou dizer o nome de Putin como culpado. Mas, as tensões foram um pouco reduzidas e, agora, há negociações acerca de como será feita a investigação do episódio (KÓLOSSOV, 2014; AUGUSTO, 2022).

A Rússia e o Mar Báltico

No final do II Conflito Mundial, em 1945, a cidade de Kaliningrado foi anexada, pela então, União Soviética, como parte da República Socialista Federativa Soviética da Rússia, enquanto se aguardava a decisão definitiva sobre questões territoriais, incluindo a partição da antiga Prússia Oriental, que viria no Acordo de Paz, valendo até lá o que fora decidido pelos Aliados (União Soviética, Estados Unidos e Grã-Bretanha), participantes da Conferência de Potsdam.

A Conferência concordou, em princípio, com a proposta do governo soviético sobre a transferência definitiva para a União Soviética, da cidade de Königsberg e da área adjacente a ela, a ser confirmada por exame pericial da fronteira real.

O Presidente dos Estados Unidos e o Primeiro-Ministro britânico declararam que apoiariam a proposta da Conferência, no Acordo de Paz, que viria a seguir. Königsberg foi renomeada Kaliningrado em 1946, após a morte do Presidente do Presidium do Soviet Supremo da URSS, Mikhail Kalinin, um dos bolcheviques originais. A população alemã sobrevivente foi expulsa da área, entre 1946 e 1949, e a cidade foi repovoada por cidadãos soviéticos. A língua alemã foi substituída pela língua russa. A cidade que fora devastada pelos bombardeios britânicos, durante a Guerra, foi reconstruída. Por ser o território mais ocidental da URSS, o Oblast de Kaliningrado tornou-se uma área estrategicamente importante durante a Guerra Fria. A Frota do Báltico (soviética) permaneceria em Kaliningrado, ao longo dos anos 1950 e, por sua importância estratégica, a cidade foi fechada a visitantes estrangeiros.

Em 1957, foi firmado um acordo, que passaria a vigorar, posteriormente, delimitando a fronteira entre a Polónia e a União Soviética.

A Região de Kaliningrado inclui três municípios e dezenove distritos urbanos. O centro administrativo da Região de Kaliningrado é a cidade de Kaliningrado.

No que tange à economia, a indústria da Região de Kaliningrado produz uma vasta gama de produtos industriais e tecnológicos, assim como, bens de consumo: os navios, barcos e iates, carros e motos, guindastes e, outros equipamentos de elevação, vagões, máquinas e equipamentos para ferrovias, aparelhos domésticos, equipamentos para a indústria de gás e petroquímica, estruturas de aço, motores elétricos, embalagens, equipamentos elétricos, madeira, papel, móveis, alimentos, roupas, calçados, diamantes processados, produtos semi-acabados e joias feitas de âmbar, ouro e prata, etc. Cerca de 80% da produção das empresas da Região de Kaliningrado é consumida na Rússia. Os principais centros industriais de Kaliningrado são Sovetsk, Chemyakhovsk, Agusev e Svetliy.

A indústria da Região de Kaliningrado inclui as seguintes atividades econômicas:

- Extração de minerais – 8,3%;
- Indústria transformadora – 85,7%;
- Produção e distribuição de eletricidade, gás e água – 6,0%.

Estimativas apontam que, na Região de Kaliningrado estão envolvidas na atividade industrial cerca de 6.066 empresas, subdivididas, principalmente, nas seguintes atividades:

- Extração de minerais – 120 empresas;
- Indústria transformadora – 5.740 empresas;
- Produção e distribuição de eletricidade, gás e água – 206 empresas.

A Importância de Kaliningrado para a Rússia

Aplicando uma determinação da União Europeia, a Lituânia proíbe o transporte de mercadorias até o exclave russo (Kaliningrado) no Mar Báltico. Desde quando Kaliningrado começou a pertencer à Rússia, e pelo fato de sua importância estratégica ser confirmada, a Lituânia passou a bloquear a passagem por seu território de mercadorias embargadas pela UE para o exclave russo de Kaliningrado. Entre itens incluídos nas sanções estão o carvão, metais e material de construção.

Moscou condenou a proibição como uma medida “abertamente hostil” e exigiu a imediata suspensão das restrições aos transportes ferroviários. Vilnius (Lituânia), por sua vez, rebateu que está, simplesmente, aplicando sanções impostas, no âmbito da União Europeia, em reação à invasão russa da Ucrânia.

Kaliningrado é a região mais ocidental da Rússia. Tendo o Mar Báltico ao Oeste, a Lituânia ao Norte e Leste, e a Polônia, ao Sul. Trata-se de um exclave, sem fronteira com o restante do território russo, com uma área de 15.000km².

As tensões estão aumentando, em torno do exclave russo de Kaliningrado, um território isolado, mas, estrategicamente significativo, na costa do Báltico, que em breve, poderá ser arrastado para a Guerra do Kremlin.

A Rússia reagiu irritada, depois que a Lituânia proibiu a passagem de mercadorias em seu território e, até Kaliningrado. Mas, a Lituânia está apenas seguindo as sanções da União Europeia e o bloco europeu demonstrou apoio ao país.

Desde que a Rússia invadiu a Ucrânia, no final de fevereiro do presente ano, há o temor que Kaliningrado possa se tornar um ponto de tensão entre

Moscou e a Europa. Trata-se, portanto, do território russo mais ocidental e a única parte do país cercada por Estados da União Europeia. A Lituânia fica entre Kaliningrado e Belarus, aliada da Rússia, enquanto a Polônia faz fronteira ao Sul.

Assim sendo, o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, ressaltou que a medida adotada pela Lituânia era sem precedentes e que a Rússia a considerava ilegal. “É parte de um bloqueio, é claro”, salientou Peskov. Outras autoridades russas ameaçaram uma resposta.

Nikolai Patrushev, Secretário do Conselho de Segurança da Federação Russa, lembrou: “A Rússia, certamente, responderá a essas ações hostis. As medidas estão sendo elaboradas em um formato interdepartamental e, serão tomadas, em breve. Suas consequências terão um sério impacto negativo, impacto na população lituana”, segundo a Agência de Notícias Estatal RIA.

Os produtos sancionados impedidos de serem exportados para o território russo pela União Europeia, incluem máquinas de construção, ferramentas e outros equipamentos industriais, segundo a agência de notícias estatal russa TASS, citando o Ministério do Desenvolvimento Econômico. Alguns bens de luxo, também, estão incluídos.

A Lituânia não impôs restrições “unilaterais, individuais ou adicionais”, informou seu Ministério das Relações Exteriores, em comunicado recente.

O embaixador da Lituânia, em Moscou, foi convocado pelo Ministério das Relações Exteriores Russo e, comunicado que, se o trânsito de mercadorias para a região de Kaliningrado não fosse totalmente restaurado, a Rússia se reservaria o direito de tomar medidas para proteger seus interesses nacionais.

Mas, a União Europeia tem apoiado seu Estado-Membro (Lituânia). Falando à Reuters, Dmitry Lyskov, representante do governo regional, foi forçado a pedir aos moradores que não entrassem em pânico em resposta à briga. Os produtos sancionados terão, agora, de viajar por mar aberto.

Kaliningrado é um exclave russo entre a Polônia e a Lituânia. Foi capturado pelas tropas soviéticas da Alemanha nazista em abril de 1945 e, depois, se tornou parte do território soviético, como resultado do Acordo de Potsdam. Foi renomeado do alemão Königsberg, em 1946.

Durante décadas, foi uma região fortemente militarizada, fechada para estrangeiros. Mas, nos últimos anos, se tornou um destino turístico emergente e recebeu jogos, durante a Copa do Mundo de 2018.

O exclave é uma das regiões mais prósperas da Rússia, com extensa indústria. Seu porto, Baltiysk, é o mais ocidental do território russo e, significativamente, está livre de gelo durante todo o ano.

As ruas da cidade principal estão repletas de grandes exemplos da antiga arquitetura alemã, ao lado de sombrios blocos de apartamentos soviéticos de concreto.

Mas, o significado de Kaliningrado vem, principalmente, de sua localização no mapa. Uma fina faixa de terra ao sul de Kaliningrado a separa de Belarus e conecta o território polonês e lituano. Conhecido como corredor de Suwalki é a única ligação terrestre entre os estados bálticos e o resto da União Europeia.

Kaliningrado é, também, a sede da Frota Russa do Báltico. A RIA informou que a frota havia iniciado exercícios de foguetes e artilharia, previamente planejados, dizendo que “cerca de 1.000 militares e mais de 100 unidades de equipamentos militares e mísseis estão envolvidos nas manobras”.

Em 2002, a União Europeia e Moscou chegaram a um acordo sobre viagens entre a Rússia e Kaliningrado, antes da Polônia e Lituânia, ingressarem na União Europeia, em 2004. Quando esses países ingressaram, o exclave ficou cercado por três lados, pelo território da União Europeia. A Rússia diz que o Acordo de 2002 foi, agora, violado.

A importância de Kaliningrado tornou-se ainda maior para a Rússia com a planejada adesão da Suécia e da Finlândia a OTAN. Dmitry Medvedev, vice-presidente do Conselho de Segurança Nacional da Rússia, disse que os planos de adesão significam que “não será mais possível falar sobre qualquer status não nuclear do Báltico – o equilíbrio deve ser restaurado”.

A Rússia há muito critica a presença de países da OTAN, em torno de Kaliningrado. “Eles moveram a infraestrutura da OTAN para perto de nossas fronteiras”, disse o Ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, à CNN em 2015, após relatos de que a Rússia havia movido mísseis ISKANDER, com capacidade nuclear para a região.

O governo russo não reconheceu que possui armas nucleares baseadas em Kaliningrado, mas, em 2018, a Federação de Cientistas Americanos, concluiu que a Rússia modernizou, significativamente, um bunker de

armazenamento de armas nucleares na região, com base na análise de imagens de satélite.

Desde a invasão da Ucrânia, a Lituânia pediu a OTAN para aumentar o envio de tropas em seu território. Em abril, o Presidente Gitanas Nausėda disse que o Batalhão de Presença Avançada Reforçada da Organização deveria ser transformado em “pelo menos” do tamanho de uma brigada, e pediu reforço do corredor de Suwalki.

Os Exercícios Militares da Rússia, no Mar Báltico

A OTAN, também, enviou tropas para ações no local; atividade russa está acontecendo, ao mesmo tempo, em que a Suécia e a Finlândia tentam entrar para a Aliança Atlântica.

O Ministério da Defesa da Rússia divulgou imagens de navios russos realizando o que a pasta nomeou de “exercícios operacionais planejados”, no Mar Báltico, próximo da região de Kaliningrado. O Ministério observou que os navios de sua frota do Mar Báltico “realizarão tarefas de treinamento para a defesa das rotas marítimas e bases da frota”. Em conformidade com o aludido comunicado, os grupos deixaram suas bases e, se desdobraram em agrupamentos de frotas em “áreas designadas”.

A pasta relatou que sessenta navios e quarenta aeronaves estão participando das manobras que, também, ocorrerão em campos de treinamento no exclave russo de Kaliningrado.

A tensão com a OTAN evidencia que os exercícios da Marinha russa estão acontecendo ao mesmo tempo em que a OTAN conduz a Baltops 22 que, vai de 05 a 17 de junho, na região do Báltico.

De acordo com o já referido comunicado da OTAN, os exercícios contam com a participação dos 14 aliados da referida Organização, além da Suécia e da Finlândia.

A tensão entre a Rússia e a OTAN aumentou depois que a Suécia e a Finlândia enviaram suas ofertas para se juntarem à aliança liderada pelos EUA, em resposta à invasão da Ucrânia.

Se as adesões forem aprovadas, a Rússia se tornará o único país no Mar Báltico que não faz parte da Organização (CNN BRASIL, 2022; RESTLE, 2022; WIKIPEDIA, 2022).

Considerações Finais

Nas considerações finais, faz-se mister observar que não voltar-se-á aos assuntos, precedentemente, já analisados. Tem-se o propósito de se estabelecer o momento histórico atual como a esfera de conclusão do artigo apresentado, tendo em vista que o assunto desenvolvido é de caráter atual e prosseguirá o seu rumo sem que se saiba, ao certo, quando esta questão será concluída.

Assim sendo, pondera-se que após invadir a Ucrânia, a Rússia vê a guerra que iniciou chegar de vez a seu território. Diversas regiões do país, incluindo a capital, Moscou, foram colocadas em alerta máximo, e as quatro áreas anexadas do país vizinho, sob lei marcial.

A decisão foi anunciada pelo presidente Vladimir Putin, em uma reunião com o seu Conselho de Segurança, que foi televisionada. É uma admissão tácita de que a situação está saindo do controle, a primeira do tipo no conflito.

Nos distritos federais central, onde fica Moscou, e sul, as autoridades poderão executar medidas de defesa civil e de apoio às Forças Armadas. Poderá haver um aumento no policiamento e controle de fluxo de pessoas, mas, o prefeito moscovita, Serguei Sobianin, afirmou que nada vai mudar o ritmo da cidade e negou toque de recolher.

Um comitê presidido pelo premiê, Mikhail Mchustin deverá detalhar ações adicionais para uma mobilização econômica nas regiões, em favor do esforço de guerra. O resto do país atenderá a um alerta básico.

Já nas oito áreas que fazem fronteira imediata com a Ucrânia, incluindo, a Crimeia e a cidade de Sebastopol, anexada em 2014, o chamado nível médio de resposta permitirá um reforço imediato de proteção da ordem, regime especial de transportes e comunicações, restrição na circulação e entrada/saída de pessoas e reassentamento de populações em áreas sob risco de ataques.

O nível máximo ocorre na Ucrânia ocupada. A lei marcial nas duas autoproclamadas repúblicas do Donbass, Lugansk e Donetsk (leste) e, nas

regiões administrativas de Kherson e Zaporíjia (sul), implica total controle sobre a vida civil e possibilidade de medidas militares mais drásticas.

“Estamos trabalhando para resolver tarefas de grande escala, muito complexas, para garantir um futuro confiável para a Rússia e para nosso povo”, concorda o presidente.

Na prática, a emergência já começou em Kherson, área que, segundo o novo comandante militar russo da invasão, Serguei Surovikin, está sob ameaça iminente de um ataque de Kiev. “A situação é tensa”, dissera em época próxima.

O governo local determinou que de 50 mil a 60 mil pessoas sejam evacuadas da capital regional e seu entorno para áreas mais ao sul, protegidas fisicamente pelo rio Dneper que separa uma fatia ao noroeste do resto da região.

Segundo o administrador pró-Kremlin do local, Vladimir Saldo, que falou à TV estatal Rússia 1, “todo o governo já está mudando hoje” para a margem esquerda do rio. Redes locais mostraram imagens de moradores, o atravessando com barcos.

A medida adiciona complexidade à fase atual da invasão iniciada em 24 de fevereiro. Kherson, a vizinha Zaporíjia e as duas autoproclamadas repúblicas do Donbass foram anexadas por Putin, após referendos feitos às pressas por autoridades locais em setembro.

Ao mesmo tempo, o Kremlin iniciou uma impopular mobilização de 222 mil reservistas para, nas palavras de Putin, estabilizar as frentes. Segundo o presidente e seus assessores, o novo território é “russo para sempre” e será defendido se preciso com armas nucleares, o que gerou um grande alarme no Ocidente.

Há um temor de que o russo possa empregar uma ogiva nuclear tática, de baixa potência, com a finalidade de barrar movimentos de tropas e assustar os ucranianos. Militarmente, parece não fazer muito sentido, pois, muitas seriam necessárias, elevando riscos de contaminação, e politicamente, o Kremlin estaria arriscando a Terceira Guerra Mundial com a OTAN (Aliança Militar liderada pelos EUA).

Desta forma, a ameaça parece ser isso, para ganhar tempo. Desde a semana anterior, a dinâmica do conflito mudou. Usando um ataque atribuído a Kiev à ponte que liga a Crimeia, que anexou em 2014, à região de Krasnodar, na Rússia, Putin determinou ataques à infraestrutura energética ucraniana.

O resultado, segundo o presidente Volodimir Zelenski foi a destruição de 30% das centrais de distribuição de energia elétrica do país, deixando mais de 1000 cidades e vilas sem luz ou água – o sistema precisa de eletricidade para funcionar. Os ataques continuaram, com mísseis e drones kamikazes iranianos, recentemente.

Os russos também tiveram ganhos no cerco que montaram à Bakhmut, ou Artemivsk como a chamam os ucranianos, cidade de Donetsk que é um bastião de Kiev, na região.

Agora, a lei marcial naquilo que chama de novas fronteiras da Rússia. O movimento em Kherson é especialmente simbólico porque a capital homônima da região foi a primeira grande cidade ucraniana a cair em mãos russas, logo no começo da guerra.

Mas, sua posição exposta a duas frentes ucranianas e com o rio Dneper tendo suas pontes principais destruídas por artilharia americana operada por Kiev, a transformou em algo quase indefensável. O que parecia deter uma ação maior de Kiev era o fato de que ela tinha boa parte dos seus 300 mil habitantes.

A evacuação, se eficaz, abrirá caminho para ou a entrega da cidade ou a sua transformação em um inferno de bombardeios – a opção nuclear parece exagerada a esta altura, ainda que tanto a OTAN, quanto a Rússia estejam em meio a manobras, simulando ataques atômicos. Uma crise humanitária, contudo, está garantida de fato.

Com efeito, o governo de Zelenski descreveu a medida como “um show de propaganda”. O assessor presidencial Mikhail Podoliak ponderou que “nada muda” com o decreto.

Já as medidas em solo russo reconhecido terão impacto ainda incerto sobre a moral da população. A aprovação de Putin já havia começado a cair – ainda em níveis estratosféricos, contudo – com a mobilização que deve acabar proximamente. Em Moscou, por exemplo, ela já foi encerrada.

Uma coisa é certa: a guerra já havia entrado no cotidiano russo aos poucos, com as sansões ocidentais e, depois, com a mobilização. “Estamos muito preocupados, mas, não há sinal de pânico”, afirmou por telefone Ivan, morador de Rostov – do Don – capital de Rostov (sul), que pediu para não ter o nome identificado.

Segundo dois analistas políticos ouvidos pela presente reportagem, tudo indica haver uma preparação por parte do Kremlin para fazer a população aceitar a retirada de parte de Kherson e, talvez ainda, mais, más notícias para Putin que já havia perdido áreas ocupadas em Kharkiv (nordeste) em setembro (GIELOW, 2022).

Como se acaba de verificar, a situação é, ainda, complexa e de difícil esclarecimento, mesmo para um futuro próximo.

Finalmente, deve-se ponderar que a tensão entre os Ocidentais e a Rússia que prossegue, e ainda, não foi superada.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Otávio. Por acesso ao Mar Negro, russos tentam dominar 4 cidades ucranianas. Metropoles. Disponível em:<<https://www.metropoles.com/mundo/por-acesso-ao-mar-negro-russos-tentam-dominar-4-cidades-ucranianas>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

BOLTENKOV, Dmitry et al. Russia's New Army. Moscow: Centre for Analysis of Strategies and Technologies, 2011. Disponível em:<http://www.cast.ru/files/book/NewArmy_sm.pdf>. Acesso em: 07 set. 2018.

BUGAJKSKI, Janusz; DORAN, Peter B. Black Sea Rising: Russia's Strategy in Southeast Europe. Washington, DC: Center for European Policy Analysis, Feb. 2016a. Disponível em:<<https://www.cepa.org/black-sea-power>>. Acesso em: 19 out. 2018.

CNN BRASIL. A Rússia organiza exercícios militares no Mar Báltico em meio a tensão com a OTAN. Reuters. 09/06/2022. São Paulo. Disponível em:<<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/russia-organiza-exercicios-militares-no-mar-baltico-em-meio-a-tensao-com-otan>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

CNN BRASIL. Como Kaliningrado pode se tornar o próximo ponto de tensão entre Rússia e Ucrânia. Reuters. 22/06/2022. São Paulo. Disponível em:<<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/como-kaliningrado-pode-se-tornar-o-proximo-ponto-de-tensao-entre-russia-e-ucrania>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

CROSS, S. NATO - Russia security challenges in the aftermath of Ukraine conflict: managing Black Sea security and beyond. Southeast European and Black Sea Studies, Athens, v. 15, n. 2, p. 151-177, 2015. Disponível em:<<https://www.emtandfonline.com/doi/abs/10.1080/14683857.2015.1060017>>. Acesso em: 30 set. 2018.

DELANOË, Igor. La Crimée, un bastion stratégique sur le flanc méridional de la Russie. Fondation pour la Recherche Stratégique, Paris, 19 nov. 2014a. Disponível em:<<https://www.frstrategie.org/publications/notes/web/documents/2014/201414.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

DELANOË, Igor. Les enjeux de la crise ukrainienne en mer Noire. Revue Internationale et Stratégique, Paris, v. 96, n. 4, p. 38-47, 2014b. Disponível em:<<https://www.cairn.info/revue-internationale-et-strategie-2014-4-p-38.htm>>. Acesso em:18 out. 2018

_____. After the Crimean crisis: towards a greater Russian maritime power in the Black Sea. Southeast European and Black Sea Studies, Athens, v. 14, n. 3, p. 367-382, 2014c. Disponível em:<<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14683857.2014.944386?journalCode=fbss20>>. Acesso em: 18 out. 2018.

DUNN, Elizabeth C.; BIBICK, Michael S. The empire strikes back: War without war and occupation without occupation in the Russian sphere of influence. American Ethnologist, Arlington, v. 41, n. 3, p. 405-413, 2014. Disponível em:<<https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/amet.12086>>. Acesso em: 17 out. 2018.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. GeoAtlas. São Paulo: Editora Ática, 2011.

GERRITS, Andre W. M.; BADER, Max. Russian patronage over Abkhazia and South Ossetia: implications for conflict resolution. East European Politics, [S.l.], v. 32, n. 3, p. 297-313, 2016. Disponível em:<<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21599165.2016.1166104>>. Acesso em: 05 nov. 2018

GIELOW, Igor. Putin declara lei marcial em áreas anexadas em alerta máximo na Rússia. Folha de São Paulo On-Line. São Paulo. 19 out. 2022. Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/10/putin-declara-lei-marcial-em-areas-anexadas-e-alerta-maximo-na-russia.shtml>>. Acesso em 19 out. 2022.

KALININGRADO. In: WIKIPEDIA, A enciclopédia livre. São Paulo, ago/2022. Disponível em:<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Kaliningrado>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

KÓLOSSOV, Vladímir. Importância estratégica da Zona do Mar Negro. Gazeta Russa. Mar. 2014. Disponível em:<https://br.rbth.com/politica/2014/03/17/importancia_estrategica_da_zona_do_mar_negro_24657>. Acesso em: 10 ago. 2022.

LIMONIER, Kevin. La flotte russe de mer Noire à Sébastopol: une “forteresse imperial” au sud? Hérodote, Paris, n. 138, p. 66-78, 2010. Disponível em:<<https://www.cairn.info/revue-herodote-2010-3-p-66.htm>>. Acesso em: 20 out. 2018.

MEARSHEIMER, J. Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault: the liberal delusions that provoked Putin. Foreign Affairs, New York, v. 93, n. 5, 2014. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/2014-08-18/why-ukraine-crisis-west-s-fault>>. Acesso em: 25 out. 2018.

MERRY, E Wayne. The Origins of Russia's War in Ukraine: The Clash of Russian and European "Civilizational Choices" for Ukraine. In: WOOD, Elizabeth A.; POMERANZ, William E.; MERRY, E. Wayne; TRUDOLYUBOV, Maxim. Roots of Russia's war in Ukraine. Washington, D.C.: Woodrow Wilson Center Press; New York: Columbia University Press, 2015.

MONGRENIER, Jean-Sylvestre. Poutine et la mer. Forteresse "Eurasie" et stratégie océanique mondiale. Hérodote, Paris, v. 2016/4, n. 163, p. 61-85, 2016. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-herodote-2016-4-page-61.htm>>. Acesso em: 17 out. 2018.

NIKOLSKY, Aleksey. Russian Naval Presence in the Eastern Mediterranean and the Problem of Projected Naval Basing. Moscow Defense Brief, Moscow, v. 5, n. 67, 2018. Disponível em: <<https://mdb.cast.ru/mdb/2-2014/item1/article2/>>. Acesso em: 18 out. 2018.

PÉTINIAUD, Louis. Du "lac russe" au "lac OTAN"? Enjeux géostratégiques en mer Noire post-Crimée. Hérodote, Paris, v. 166/167, p. 217-228, 2017. Disponível em: <https://www.herodote.org/IMG/pdf/pe_tiniaud.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

RESTLE, Benjamim. Qual é a importância de Kaliningrado para a Rússia? Folha de São Paulo/UOL, São Paulo, 21/06/2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2022/06/21/qual-e-a-importancia-de-kaliningrado-para-a-russia.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

RUSSIAN FEDERATION. Foreign Policy Concept of the Russian Federation: (approved by President of the Russian Federation Vladimir Putin on November 30, 2016). Moscow, 2016. Disponível em: <http://www.mid.ru/en/foreign_policy/official_documents/-/asset_publisher/CptlCk6BZ29/content/id/2542248>. Acesso em: 25 out. 2018.

SANDERS, Deborah. Between Rhetoric and Reality: The Decline of Russian Maritime Power in the Black Sea. Mediterranean Quarterly, Durham, v. 23, n. 4, p. 43-68, 2012. Disponível em: <<https://read.dukeupress.edu/mediterranean-quarterly/article-abstract/23/4/43/1831/Between-Rhetoric-and-Reality-The-Dcline-of?redirectedFrom=fulltext>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

SOCOR, Vladimir. The Frozen Conflicts: A Challenge to Euro-Atlantic Interests (Report prepared by the German Marshall Fund of the United States, on the occasion of the NATO Summit 2004). Washington, DC, 2004.

STEPANOVA, Ekaterina. Russia and Conflicts in the Middle East: Regionalisation and Implications for the West. The International Spector, Roma, 2018. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03932729.2018.1507135>>. Acesso em: 7 nov. 2018

TOUCAS, Boris. NATO and Russia in the Black Sea: A New Confrontation? CSIS, Washington, DC, 6 Mar. 2017a. Disponível em:<<https://www.csis.org/analysis/nato-and-russia-black-sea-new-confrontation>>. Acesso em: 25 out. 2018.

_____. Russia's Design in The Black Sea: Extending the Buffer Zone. CSIS, Washington, DC, 28 June. 2017b. Disponível em:<<https://www.csis.org/analysis/russias-design-black-sea-extending-buffer-zone>>. Acesso em: 25 out. 2018.

TSYGANKOV, Andrei. Russia's foreign policy: change and continuity in national identity. 4 ed. Lanham: Rowman & Littlefield, 2016.

TUDOROIU, Theodor. The European Union, Russia, and the Future of the Transnistrian Frozen Conflict. East European Politics and Societies, [S.l.], v. 26, n. 1, p. 135-161, 2011. Disponível em:<<https://doi.org/10.1177/0999325411404885>>. Acesso em: 20 out. 2018.

WOOD, Elizabeth A. Introduction. In: WOOD, Elizabeth A. et al. Roots of Russia's war in Ukraine. Washington, D.C.: Woodrow Wilson Center Press; New York: Columbia University Press, 2015. p. 1-25.